

Boca Livre mostra
o novo álbum no
Circo Voador

PÁGINA 4



Cinema francês
volta a encher
salas de exibição

PÁGINA 10



Chegou a hora
de se esquentar
com fondues

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por **Cláudia Chaves** | Especial para o Correio da Manhã

“NÃO PRETENDO CONTAR TODA A HISTÓRIA DE ALICE, mas usá-la como ponto de partida para a invenção”, diz o coreógrafo Moses Pendleton, fundador do Momix há 44 anos. Pois é a sua visão e inspiração de “Alice no País das Maravilhas”, o clássico de Lewis Carroll (1832-1898), que estão em “Alice, o Espetáculo” que se apresenta neste sábado e domingo (22 e 23) no Qualistage.

O trabalho gira em torno de 22 vinhetas curtas baseadas em adereços e figurinos que com a caixa de ferramentas mágicas de Pendleton conjura uma viagem surreal de Alice, ao entrar pela toca do coelho e através do espelho, no mundo encantado do País das Maravilhas criado por Carroll. O resultado é uma impressionante variedade de sensações.

Continua na página seguinte

As aventuras de Alice são
recontadas na visão
do consagrado
grupo Momix

ESPETÁCULO DE MARAVILHAS

*‘Alice’ gira em torno de 23
vinhetas com o DNA artístico
do coreógrafo Moses Pendleton*

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Antes da dupla, Chrystian cantava sozinho em inglês

Morre, aos 67 anos, Chrystian, da dupla Chrystian & Ralf

O cantor e compositor sertanejo Chrystian, que fez dupla com o irmão Ralf, morreu na noite desta quarta-feira (19), no Hospital Samaritano, em São Paulo, onde estava internado desde o início da manhã. Ele fazia tratamento para enfrentar problemas renais e cardíacos.

“Chrystian dedicou 60 anos de sua vida à música ser-

taneja, construindo carreira brilhante e marcada por inúmeros sucessos”, diz nota divulgada pela família. “Sua voz inconfundível e sua paixão pela música trouxeram alegria e emoção.”

Antes da dupla, ele cantava sozinho e em inglês, por exigência das gravadoras, seguindo um modismo dos anos 1970.

Cota de tela

Entrou em vigor a lei da cota de tela, que obriga os cinemas a reservar um percentual mínimo para sessões de filmes brasileiros. A lei foi sancionada pelo presidente Lula em janeiro deste ano, mas ainda não havia sido publicada no Diário Oficial.

Cota de tela III

Dados da Associação Brasileira das Empresas Cinematográficas Operadoras de Multiplex e da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas mostram que os filmes nacionais representam 5% dos ingressos vendidos.

Cota de tela II

A publicação acontece depois do dia do Cinema Brasileiro, comemorado em 19 de junho. As empresas de cinema e salas de exibição ficam obrigadas a passar, em 2024, obras cinematográficas brasileiras de longa-metragem em sua programação.

Cota de tela IV

Nos primeiros três meses do ano, os filmes nacionais foram responsáveis por 25% das bilheterias nacionais, valor correspondente ao sucesso de “Minha Irmã e Eu”, primeira produção brasileira a superar a marca de 1 milhão de espectadores.

Inventividade é a marca registrada

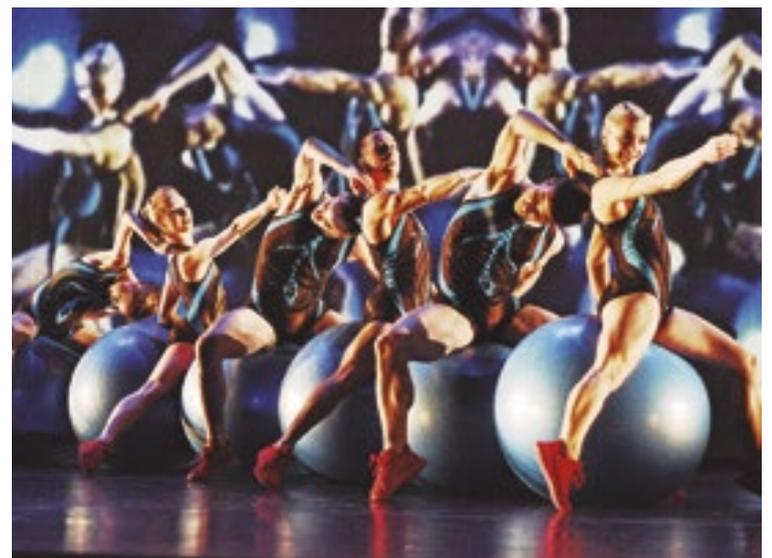


‘Alice’, do Momix, empolga com sua coreografia ousada e efeitos surpreendentes de luz

O Momix é internacionalmente consagrado por apresentar obras de inventividade e beleza física suas extravagâncias ilusionistas, quase mágicas que seus artistas fazem com o corpo, assim como na beleza da natureza, da música, da cenografia e da própria vida, e são cuidadosamente elaboradas para assimilar uma multiplicidade de elementos em cada espetáculo. Pendleton combina os corpos esculturais de seus dançarinos com figurinos e adereços incomuns, colocando-os em cena com efeitos surpreendentes de luz, e finalmente completa tudo com uma trilha sonora única, que mistura clássicos com rock, new age e E-music.

Ao transformar a saga da menina vestida de azul com seus laçarotes, extremamente curiosa, em um conto, Pendleton já aplica os seus princípios à cena de abertura. Contra a projeção de um rio e uma paisagem verdejante, a primeira das Alices está sentada em uma escada suspensa horizontalmente, lendo um livro estampado com o nome de sua personagem. A escada começa a girar (ajudada por outro artista), enquanto seus pés roçam o chão em um movimento leve e saltitante. Assim começa sua descida.

O resultado é uma impressio-



nante variedade de inventividade. “Alices” em tamanho real ficam enormes e giram loucamente; “Alices” são sugadas por tubos; uma banda de coelhos selvagens aterroriza; e a Lagarta desliza e salta enquanto dançarinos em sapatos vermelhos manobram bolas azuis. Há uma aranha branca gigante, rosas no ar, lagostas de saias, truques com espelhos e um personagem “Monty Pythonesco” cujos membros gradualmente desaparecem, deixando-o apenas com seu torso no chão.

Ao se brincar com o significado da expressão “the rabbit hole” - entrar em um estado mental ou físico que exigirá muita resiliência

ao longo da caminhada – o que vemos é um conjunto estonteante de mudanças, cores, luzes e corpos que resistem aos movimentos mais difíceis para proporcionar à platéia 90 minutos de beleza.

SERVIÇO

ALICE, O ESPETÁCULO

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
22/6, às 16h e 21h, e 23/6, às 15h
Ingressos: R\$ 400 (setor 1 e camarote A), R\$ 260 (setor 2 e camarote B), R\$ 190 (setor 3 e camarote C), R\$ 170 (setor 4 e poltronas), R\$ 150 (setor 5) e R\$ 39,60 (promocional, com ingressos limitados)

CRÍTICA / TEATRO / NÃO ME ENTREGO, NÃO!

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há momentos de alegria. Há momentos de encantamento. Há momentos de risadas. Há momentos de epifania. Há momentos em que nos reencontramos com a nossa história. Há momentos das mais profundas emoções, daqueles que temos certeza que só o teatro é capaz de nos colocar como coletividade, como brasileiros. Há momentos que nos reencontramos com o nosso íntimo, com o nosso ser. Há momentos de ver espetáculos como “Eu não me entrego não, a autobiografia de Othon Bastos, com dramaturgia e direção de Flávio Marinho.

Como bem nos apontava, Luciana Braga em “Judy” ao mencionar Marinho como o produtor/diretor/autor, de forma esfuziante, ele aqui é muito mais do que esses três papéis. Como um mágico, vai tirando palavras, diálogos, frases de um cartola criativa ao mesmo tempo em o Othon se movimenta, ocupa o palco com uma miríade de gestos amplos, voz com todas as sílabas perfeitas, ganhando a dimensão que a proposta merece.

De Othon Bastos há que se falar de sua

Um grito que não parou

Beti Niemeyer/Divulgação



Othon Bastos repassa décadas de vida e trajetória artística no palco

idade, 91 anos, que vira apenas um ponto nesse oceano de talento. Tudo é gesto, é representação que enche o palco de personagens, de

cenários, de figurinos, de lembranças, mesmo daquilo que não vimos. Othon é vigoroso, expressivo, contido, aberto, cômico, trágico,

engraçado, triste, sozinho e acompanhado. Tudo isso e mais o que é inimaginável que alguém possa fazer, com aquela aparente e mentirosa facilidade, como Othon realiza em todas as cenas.

Há ainda a genialíssima ideia de uma “Memória” sentadinha a uma mesa para fazer o ponto e o contraponto dos possíveis esquecimentos de Othon, assim como a contracenada em alguns instantes. É o talento de Juliana Medella, diretora-assistente, o melhor tertius possível na dupla Flavio Marinho/Othon Bastos ao fazer a Memória. Há, assim, momentos em que só o teatro é capaz de nos provocar o nosso melhor. “Eu Não Me Entrego, Não!” é a melhor prova disso.

SERVIÇO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso)

Até 28/7, sextas e domingos (20h) e sábados (20h30)*

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (sextas e domingos | R\$ 120 e R\$ 60 (sábados)

*Dia 5/07 não tem espetáculo

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Distopia feminista

“Todos os Homens do Mundo”, concebido e estrelado pela premiada Cristina Flores, está em cartaz nos dias até o dia 28, às sextas e sábados, no Queerioca, o primeiro centro cultural LGBTQIAP+ da cidade. A peça se passa num futuro distópico no qual todos os homens cis do planeta estão mortos e dialoga com grandes questões do nosso tempo como o fim dos recursos naturais e a disputa dos lugares de fala constitutivos de nossa sociedade numa distopia fantástica que imagina o mundo em 2228, depois do fim do patriarcado.

Divulgação

Rocio Cibes/Divulgação



Tem circo na rua!

Três espetáculos este fim de semana celebram a tradição do circo popular de rua. A Cia Circo no Ato comemora 10 anos de vida com apresentações do infantil “Se der Corda”, sábado e domingo, às 10h, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. A obra cria um mundo fantástico a partir das páginas de um livro mágico. E a Eslipa - Escola Livre de Palhaço leva ao Largo do Machado “Circo da Julieta”, com alunos (sábado), e “Caixa de Pandora”, com Fran Marinho, a palhaça Francisquinha, (domingo), ambos às 16h. Todas as sessões são gratuitas.

Divulgação



Experiências reais

Neste sábado (22) estreia no Teatro Fashion Mall o espetáculo infantil “Baú de Corações”, que mostra a vivência de amigos que se conhecem nas férias, no playground. Longe do mundo conectado e vivenciando experiências reais, cotidianas, o brincar presencial, a escuta e a cumplicidade, esses amigos vão descobrir temas como luto, separação dos pais, as transformações do corpo e a primeira paixão. O texto sensível traz música, comédia, diversão e poesia para contar uma história que vai gerar identificação entre adultos e pequenos.



Boca Livre volta ao Circo

Vencedor do 31º PMB, grupo vocal mostra as canções do excelente 'Rasgamundo' e seus sucessos, claro

Por Affonso Nunes

A volta do Boca Livre foi um acontecimento tão marcante na cena musical que sua escolha como o Melhor Grupo de MPB na 31ª edição do Prêmio da Música é uma consequência natural. E a comemoração tem data e hora: o Boca mostra as canções do novo (e excelente) álbum "Rasgamundo" neste sábado (22) no Circo Voador.

No palco, o grupo formado por David Tygel, Lourenço Baeta, Maurício Maestro e Zé Renato recebe o ator e cantor Gabriel Leone. Antes e depois do show, a pista fica sob o comando do DJ Lencinho.

"No nosso retorno ao Circo celebraremos, além do novo disco, o Prêmio da Música Brasileira, mais um honroso reconhecimento pelo trabalho que fazemos desde 1978. O álbum, assim como o prêmio, dedicamos ao nosso amigo Zé Nogueira, que foi o coprodutor do trabalho junto com Marcus Preto, e partiu inesperadamente logo depois de entregar a master", conta Zé Renato.

Com dez canções, "Rasgamundo" (MPB Discos / Som Livre) traz parcerias com Nando Reis, Guilherme Arantes, Zeca Baleiro, Márcio Borges e Erasmo Carlos, além de releituras de músicas do Los Hermanos e Tim Bernardes. Além das novas



David Tygel, Zé Renato, Lourenço Baeta e Maurício Maestro

faixas, o repertório inclui "Caravana" (Geraldo Azevedo / Alceu Valença) e sucessos consagrados do grupo, como "Toada", "Quem Tem a Viola", "Mistérios" e "Ponta de Areia", entre outros. Tudo dentro jeiro Boca Livres de ser com seus arranjos vocais primorosos (tente não chorar ouvindo a versão deles para "Ponta de Areia", por exemplo).

No show, assim como no dis-

co, Zé Renato toca os violões; Maurício Maestro, os baixos elétricos; Lourenço Baeta faz as flautas e o ukulele; e David Tygel, a viola caipira. Completando o time, a banda é formada por Marcelo Costa (bateria e percussão) e João Carlos Coutinho (piano). Os arranjos vocais têm sempre a assinatura de Maurício Maestro, que escreve todas as vozes do Boca Livre desde a estreia do grupo. "Fui elaborando os arranjos e observando os detalhes de cada música, cada qual uma história única

e ao mesmo tempo formando um conjunto coeso e definitivo", explica Maestro, que dez anos antes do Boca Livre formava o histórico Momento 4 com David Tygel, Zé Rodrix e Ricardo Villas.

SERVIÇO

BOCA LIVRE - RASGAMUNDO
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
22/6, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos entre R\$ 70 (meia 1º lote) e R\$ 180

Esporte e shows 0800 em Ipanema

Maria Gadú, Marcelo D2, Teresa Cristina e Marina se apresentam de graça neste e no próximo fim de semana na praia

O projeto Vivo na Praia, promovido está de volta à orla carioca com atividades culturais e esportivas gratuitas. Nos dias 22, 23, 29 e 30, a Praia de Ipanema será palco de aulas de beach tennis, ginástica e yoga, além de sessões de massagem, fisioterapia e recreação infantil. A cada dia uma atração musical diferente encerra o evento com show durante o famoso pôr do sol carioca: Maria

Gadú e Marcelo D2 abrem a programação com shows no sábado (22) e domingo (23), respectivamente. Teresa Cristina (29) e Marina Lima (30) fecham o evento.

A programação do Vivo na Praia começa com as atividades esportivas, das 9h às 11h, e com os atendimentos individuais de fisioterapia e massagem, das 9h às 12h. Brincadeiras, bambolê, pintura e



Marcelo D2 mostra repertório de sambas neste domingo

oficinas para as crianças acontecem numa tenda dedicada à recreação infantil, durante toda a manhã.

O personal trainer Ricardo Lapa, abre o dia, às 9h, com aula de ginástica funcional para todas as idades. Maria Clara Cunha con-

duzirá práticas de Yoga a partir das 10h. Esporte ao ar livre que vem atraindo cada vez mais adeptos no país, o beach tennis terá seu espaço, das 9h às 11h, sob o comando do atleta Romarinho.

Ao pôr do sol, todas as atenções se voltam para o palco, onde se apresentam grandes nomes da música nacional a partir das 17h. No

show deste sábado, Maria Gadú toca canções do novo disco "Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor", reafirmando a Música Popular Brasileira a partir de regravações de nomes como Marisa Monte, Caetano Veloso, Gonzaguinha e Rita Lee.

No domingo, é a vez de Marcelo D2, com o show "Marcelo D2 e Um Punhado de Bamba" com canções do último disco, "Iború", além de sucessos da carreira do artista e da história do samba, com o tempero de D2.

SERVIÇO

VIVO NA PRAIA
Praia de Ipanema (em frente ao posto 10)
22, 23, 29 e 30/6, das 9h às 20h (atividades esportivas)
22/6: show de Maria Gadú (20h) | 23/6: show de Marcelo D2 (20h) | Entrada franca

Divulgação



FESTIVAL
SESC
DE
INVERNO
P·L·U·R·A·L

UM EVENTO PARA CELEBRAR A
MULTIPLICIDADE DO BRASIL.

12^A
28
JULHO

MAIS DE 550 ATRAÇÕES EM 24 LOCALIDADES
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

REALIZAÇÃO

ACESSE O SITE E CONFIRA OS LOCAIS DO EVENTO:
FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR



Cantor lírico Ildar Abdrazakov e pianista Mzia Bakhturidze apresentam-se em recital do projeto Russian Sessions

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

As famosas Noites Brancas que acontecem no Norte da Europa, durante o mês de junho que, mesmo com o Sol se pondo, ele permanece um pouco abaixo da linha do horizonte, deixando a noite clara e criando uma atmosfera onírica. A expressão “noites brancas” também se refere a um intenso período de eventos culturais no Velho Mundo.

Dentro desse espírito, foi criado o Russian Seasons - projeto do Ministério da Cultura da Federação Russa que visa apresentar em países estrangeiros a riqueza e a diversidade da arte russa e as conquistas do país na esfera da cultura.

Noites brancas com a **excelência russa**

Divulgação



Mzia Bakhturidze e Ildar Abdrazakov

Desde 2017, o projeto percorreu dezenas de países ao redor do mundo com concertos, produções teatrais, festivais de cinema, exposições de arte e projetos educacionais.

Ildar Abdrazakov, um dos cantores de ópera mais requisitados da atualidade e Artista de Mérito da Federação da Rússia, fará recital acompanhado da pianista Mzia Ba-

khturidze neste sábado (22), às 16h, na Sala Cecília Meireles, em comemoração aos Dias de Cultura Espiritual da Rússia no Brasil. No programa, Tchaikovsky, Rachmaninov e Mussorgsky.

Ganhador de dois Grammy, Abdrazakov venceu o Grand Prix em cinco competições internacionais, quatro delas realizadas na Rússia. A vitória no concurso internacional de M. Callas em Parma (Itália) em 2000 o levou à fama mundial. Em 2001, com 24 anos, fez sua estreia no palco do Teatro La Scala.

Mzia Bakhturidze é formada no Conservatório de Moscou e foi logo convidada para lecionar música de câmara no mesmo local. Em 1990 mudou-se para a Itália, onde é treinadora musical do Teatro La Scala. Pianista há mais de 30 anos, Mzia atua constantemente como acompanhante em concertos em parceria com os maiores cantores de ópera do mundo nas melhores salas de música, tanto na Europa, quanto na América.

SERVIÇO

ILDAR ABDRAZAKOV & MZIA BAKHTURIDZE

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47 - Lapa) | 22/6, às 16h | Ingressos: R\$ 40,00

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Cantando Chico

Seguindo as celebrações aos 80 anos de Chico Buarque, Os 80 anos de Chico Buarque o grupo Mulheres de Chico, primeiro bloco carnavalesco totalmente feminino, apresenta-se nesta sexta-feira (21), às 19h30, no Teatro Rival Petróbras. Em reconhecimento ao legado do artista, o grupo Chico preparou repertório especial focado nas músicas políticas mais emblemáticas deste artista singular que é Chico.

Divulgação



Noite pesada

Dando sequência ao festival Best of Blues and Rock, o Vivo Rio recebe nesta sexta-feira (21), a partir das 21h, o guitarrista Kiko Loureiro (ex-Angra e Megadeth) e a Zakk Sabbath - banda cover da cultuada Black Sabbath, formada liderada pelo guitarrista e vocalista Zakk Wylde (foto), fundador da Black Label Society e guitarrista da banda de Ozzy Osbourne no período em que estava fora do Black Sabbath.

Felipe Diniz/Divulgação



No trombone

Trombonista, cantor e compositor, Josiel Konrad é uma das boas surpresas na nova cena jazzística do Rio. Nesta sexta-feira (21), a partir das 21h, o músico sobre ao palco principal do Circuito Sesc Jazz & Blues, na Estação Cultural de Ipiabas, distrito de Barra do Pirai (RJ). Pioneiro na fusão do funk carioca com o jazz, Josiel - cria da Baixada Fluminense - apresenta o show do seu mais recente álbum, “Boca no Trombone”.

Divulgação



Olha o Síndico!

Incluindo integrantes da Vitória Régia, fiel escudeira de Tim Maia (1942-1998), a Banda do Síndico leva a energia contagiante das músicas imortais do pai do soul brasileiro ao Blue Note Rio neste sábado (22), com sessões às 20h e 22h40. O diferencial do grupo é o vigoroso naipe de metais formado por Tinho Martins (sax), Silvério Pontes (trompete), Jeferson Victor (trompete) e Jhonson de Almeida (trombone).

A rebeldia dos Secos & Molhados nunca morre

Teatro Rival Petrobras recebe 'Flores Astrais', show-tributo a uma banda que fez história

Por Affonso Nunes

O surpreendente espetáculo "Flores Astrais – Um Tributo aos 50 anos dos Secos & Molhados" vem seduzindo plateias desde que estreou há quase dois anos, por ocasião das cinco décadas do trio que rebolou na cara da ditadura militar e chacoalhou a música brasileira, promovendo uma revolução estética e comportamen-

tal nos anos de chumbo.

É digno de aplausos como Danilo Fiani (voz), Luiz Lopez (voz, piano, escaleta, violão de 12 cordas), Mario Vitor (voz, guitarra, violão de nylon e gaita) reconstituem com ousadia os primeiros shows do grupo que revelou lançou Ney Matogrosso e foi imortalizado por inúmeros sucessos, como "Sangue Latino", "Rosa de Hiroshima", "O Vira", "Flores Astrais". Escoltados pelos músicos Odeid (contrabaixo) e Rike

Luiz Lopez, Danilo Fiani e Mário Victor em 'Flores Astrais'

Frainer (bateria, ganzá duplo e castanholas), eles se apresentam neste sábado (22), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras.

Além de reproduzir fielmente os arranjos das canções do grupo, Fiani, Lopez e Victor se apresentam com figurinos e maquiagens idênticas às usadas por Ney Matogrosso, João Ricardo e Gerson Conrad nos anos 1970. É uma

viagem no tempo para quem viveu essa época e a descoberta de um mundo absolutamente novo para as novas gerações.

Este show tributo passou pelos principais teatros do Rio, São Paulo e Belo Horizonte e recebeu o "Prêmio Funarj Música Ao Vivo 2023", sendo também selecionado no "Viva o Talento 2023" e figurado entre os primeiros colocados no "Prêmio Rio do Rock da Funarj 2023". Trocando em miúdos, este show-tributo é

Divulgação



imperível

A potência do Secos & Molhados pode ser definida como um furacão performático, que de forma absolutamente criativa e inédita, fez um sucesso inimaginável na época e chancelou um lugar na história da música e nos corações dos jovens daquele tempo e das gerações posteriores, onde o mix de poesia, folclore, Beatles e Rock progressivo dos Secos & Molhados reverbera ainda hoje.

O lendário álbum dos Secos & Molhados (1973) em que Ney, João Ricardo e Gerson Conrad aparecem na capa com suas cabeças servidas como banquete (uma simbologia arrasadora), está na lista entre os melhores álbuns que completaram 50 anos no ano de 2023, segundo a Rolling Stone Brasil.

SERVIÇO

FLORES ASTRAS - UM TRIBUTOS AOS 50 ANOS DO SECOS & MOLHADOS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) 22/6, às 19h30

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

CRÍTICA / DISCO / A MULA

Os causos do violeiro Paulo Freire (ou o dia em que o violeiro encontrou a mula sem cabeça)

Por Aquiles Rique Reis*

Um comentário insólito para "A Mula" (Vai Ouvindo/Borandá), um álbum instigante, com seis faixas/capítulos criados, narrados e ponteados por Paulo Freire, mais a percussão de Adriano Busko.

O cowbell soa: "blom, blom". A viola de cabaça compõe com ele a sinfonia popular. O caxixi entorna suas contas. Logo o violeiro põe-se a fuxicar pro acontecido render um caso. Cuidadoso, apura tudo – ele odeia as tar de feiquinius!

Num repente, o pároco deu de se engraçar com uma moça. Vixe! A viola pontei de pura excitação. Sol finalizando a lida do dia, lá vai

o violeiro pra casa do pároco de nome Armando. O tal nem tava lá. Saiu. Somadas à percussão, ouvem-se as notas dedilhadas na viola.

O violeiro chega à casa do pároco Armando. Na esquina havia dois homens. Vinha vindo outro cara, era Olavo, irmão do pároco que, cheio de marra, foi logo difamando dona Zélia, que vinha acolá. Esperanto, o violeiro deu-lhe um perdido e xavecou a mulher – ela saberia explicar a história que ele quer esclarecer, pensou! Num repente, o pároco chegou todo lampeiro. A viola busca os dedos do violeiro e dispara a tocar ligeiro, o ritmo ajudando na beleza.

O pároco convida o violeiro



Divulgação

para ir à sua casa. Um clarão brilha lá fora! Receoso, Paulo volta rápido pro quarto. De novo anoitece e amanhece. O pároco tomara chá de sumiço. O violeiro dá-se a um som lamentoso do seu instrumento. Levanta-se e vai à missa. E não é que a tal da Zélia veio junto? Lá,

parou na frente dele e se abriu num sorriso instintivo. O pároco saúda os fieis e dá voz à missa. Com sininhos ao fundo, a viola soa ainda mais bela. O pároco segue a missa. Zélia vai em busca da hóstia. Grudado à moça, Paulo vê o pároco lhe oferecer o Corpo de Deus e a repetir "Pelo sangue de Cristo!". Na última vez em que diz a frase, o religioso se vê perseguido por uma hóstia que virara uma imensa bola de fogo, e logo se escafede, porque besta ele não deve ser, né?

Mas assim como são as coisas, são as criaturas: a partir desse momento, o violeiro já até aceitava que mula sem cabeça poderia existir. Será? Sentiu culpa pela heresia.

Logo na casa de Deus, meu Deus!

Olavo retorna. A viola de Paulo e a percussão de Adriano endoidam. O brilho daquela bola de fogo, vinda do fato extraordinário, se reflete nos olhos das beatas e dos beatos. Quentinho, o causo tá saindo do forno da caixola do violeiro...

Cês tão pensando que eu darei spoiler, é? De jeito maneira.

Mas cadê a mula sem cabeça? Afinal, Zélia e o pároco cruzaram? E o tal do Olavo, que fim levou? Mas vejam bem, queridonas e queridões, isso aí caberá a cada pessoa sacar. Ouçam o causo musicado do violeiro Paulo Freire, e descubram, ora bolas!

*Vocalista do MPB e escritor

SHOW**KLEITON & KLEDIR**

*A famosa dupla de irmãos gaúchos apresenta retrospectiva dos grandes momentos de uma carreira de mais de 40 anos em clima intimista e descontraído em que não faltarão sucessos como “Deu Pra Ti”, “Vira Virou”, “Paixão” e “Maria Fumaça”. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). Até 28/6, às sextas (20h e 22h40). A partir de R\$ 90.

LÔ BORGES

*O cantor e compositor mineiro passeia por 50 anos de carreira, interpretando sucessos de sua fase do Clube da Esquina até sua produção autoral mais recente. 21/6, às 20h, no Teatro Firjan Sesi - Campos (Rua Deputado Bartolomeu Lysandro, 862 - Guarus) e 22/6, às 19h, no Teatro Firjan Sesi Itaperuna (Av. Deputado José de Cerqueira Garcia, 895). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

TRIO AQUARIUS

*O grupo formado por Flavio Augusto (piano), Ricardo Amado (violino) e Ricardo Santoro (violoncelo) executa peças de W. A. Mozart. Sala Cacília Meireles (Rua da Lapa, 47). Sex (21, às 19. R\$ 40.

SARA E NINA

*As drag-queens cantoras encerram a mini-turnê do show-espetáculo do LP “Minha Mulheres Tristes - Uma Ode Furiosa ao Samba-canção”, com releituras de músicas de cortar os pulsos. Centro de Referência da Música Carioca (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). Sex (21), às 20h. Grátis

TEATRO**PRIMA FACIE**

*Fenômeno mundial, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada que tem como cleintes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150

GOSTAVA MAIS DOS PAIS

*Filhos de dois craques do humor, Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho



Kleiton e Kledir

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Betina Polaroid/Divulgação



Sara e Nina

refletem as dores e delícias da herança artística de Chico Anysio e Lúcio Mauro. Até 11/8, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon). A partir de R\$ 39,60 (meia)

LÍNGUA

*Com direção de Vinicius Arneiro, o espetáculo leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses de comunicação universais. Até 30/6, de qui a dom (20h30) no Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

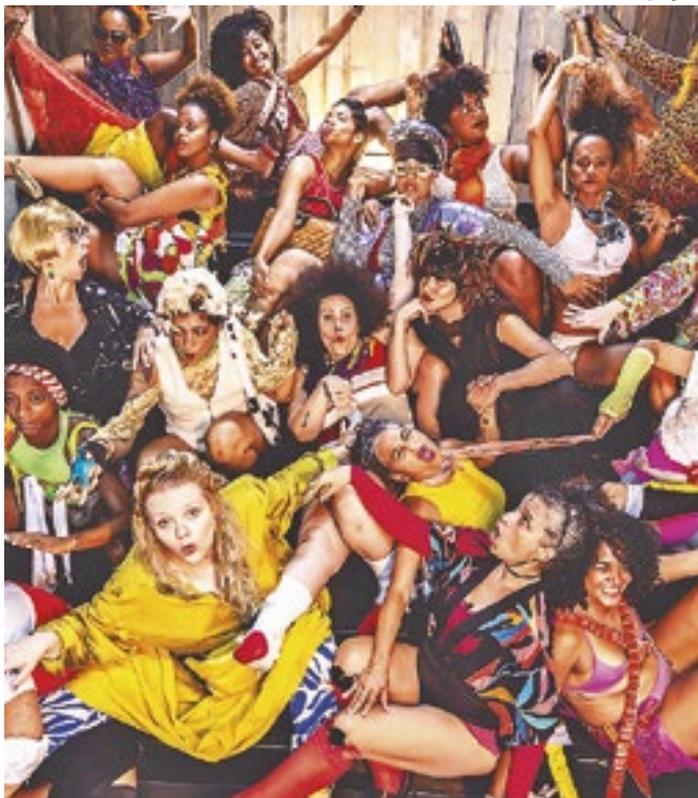
CONSTITUIÇÃO: O OVO OU A GALINHA?

*Em cena, 20 atrizes debatem os

Divulgação

**Stranger Sings**

Divulgação

**Constituição: o ovo ou a galinha?**

Divulgação

**Arapuca**

limites da Constituição numa discussão leve e bem humorada sobre nossos direitos e deveres. Até 23/6, sex a dom (20h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

EU, ROMEU

*Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, reconta "Romeu e Julieta", clássico de William Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano (Marcos Camelo) para discutir estereótipos e preconceitos. Até 29/6, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

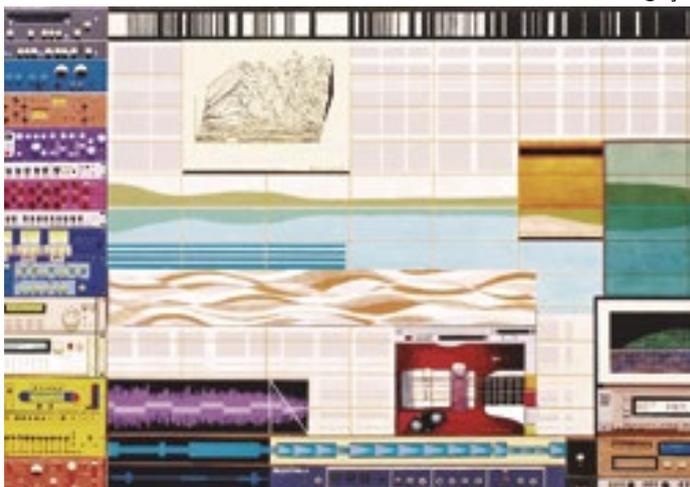
STRANGER SINGS

*Repleto de referências aos anos

Divulgação

**Paisagem Digital (2003)**

Divulgação

**Paisagem Digital (2003)**

1980, musical é uma paródia do famoso seriado. Até 23/6, sáb (20h) e dom (19h). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 120

INFANTIL**SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO**

*Protagonizado pelo potiguar Palhaço Piruá, espetáculo parte da dramaturgia do argentino Walter Velázquez numa história de comicidade e sensibilidade. Até 7/7, sáb e dom (16h) no Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Infantil: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 2 (associado Sesc) | Adulto: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50 (assoc. Sesc) e grátis (PCG)

EXPOSIÇÃO**DOS BRASIS**

*O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe a exposição "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

PAISAGENS RUMINADAS

*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, representante da chamada Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

ARAPUCA

*Os artistas visuais Ricardo Siri e Deborah Engel assinam uma exposição que colocando em evidência as intrincadas teias da vida cotidiana e da criatividade compartilhada. Até 9/7 no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 - Centro). Seg, qua e sex (14h às 20h) e ter, qui, sáb e feriados (10h às 18h). Grátis

LUZES DA COREIA

*Um mergulho em uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva com instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia).

EVENTO**ARRAIÁ SESC RJ**

*Maior circuito de festas juninas do estado, o Arraiá Sesc RJ 2024 vai acontecer entre 8/6 e 14/7. Serão 35 festas em 13 cidades, entre unidades e hotéis do Sesc e espaços parceiros. O arrasta-pé vai contar com brincadeiras e barracas

ARRAIÁ DA AMAZÔNIA

*Em tempos junicos, a Fundação Progresso torna-se a casa do Norte do Brasil nesta sexta (21), apartir das 20h. Em sua segunda edição, a noite terá comidas e bebidas típicas da região, artesanato, decoração temática e, claro, muita música, com Afroribeirinhos, Natascha Falcão, Felipe Cordeiro, Ton Rodrigues, La Guacamaya, Mig Martins e DJs. R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar da onda de boa sorte trazida por “Divertida Mente 2”, que faturou US\$ 294 milhões só num fim de semana, as bilheteiras mundiais de 2024 andam em baixa, tendo “Duna: Parte II” como o campeão do ano até agora, com um faturamento de US\$ 711 milhões. No Brasil, a liderança segue com “Minha Irmã e Eu”, prestigiado por cerca de 2 milhões de pagantes de janeiro a março. Mas há territórios em que a mobilização do circuito foi mais alta do que se esperava, rendendo até fenômenos, como é o caso da França, pátria onde o cinema nasceu, em 1895.

Por lá, três filmes passaram a marca de um milhão de ingressos vendidos e o líder de arrecadação, a comédia “Un P’tit Truc En Plus”, superou todas as expectativas e contabiliza, de maio até agora, uma venda de sete milhões de entradas.

Dirigido e estrelado por Artus, o filme não dá qualquer bola para as patrulhas da correção política e retrata o golpe dado por dois ladrões em fuga que se infiltram num acampamento para PCDs. Lá, os dois fingem ser o que não são. Esse fingimento agradou em cheio o gosto das plateias de Paris, Nice, Marselha e arredores, onde funcionam 2.054 complexos exibidores, com 6.320 telas.

Parte desse sucesso se deve ao empenho da Unifrance, instituição ligada ao Ministério da Cultura da pátria (hoje) presidida por Emmanuel Macron, cujo foco é apoiar a circulação dos filmes (e das séries, vide “Lupin”) feitas por lá. Para o segundo semestre, a instituição terá títulos de peso para badalar, como a nova versão de “Emmanuelle” (1974), dirigida pela premiada Audrey Diwan, que vai abrir o Festival de San Sebastián, na Espanha, em setembro. É uma das produções mais esperadas para os próximos meses.

Há muito que se comemorar na Unifrance, uma vez que a receita dos longas lançados pela França de janeiro a dezembro de 2023 supe-

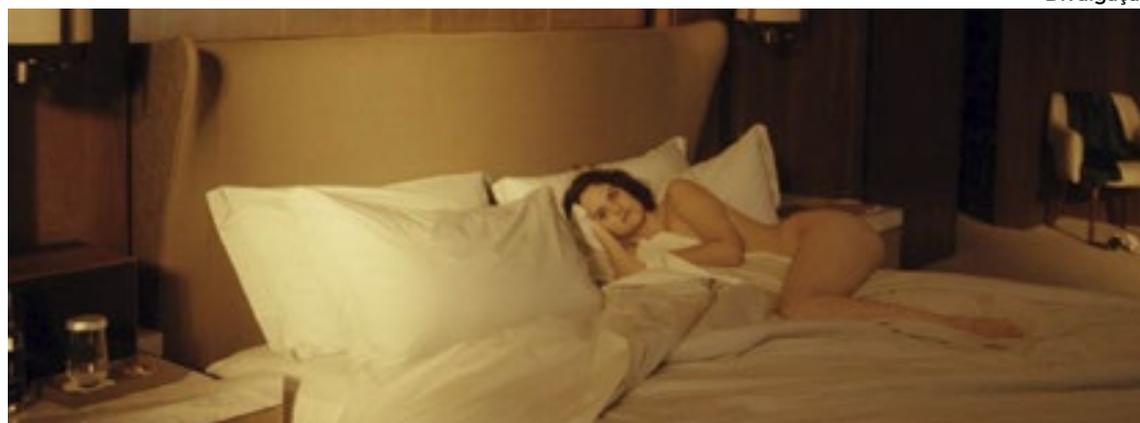


Divulgação

‘Un P’tit Truc En Plus’ já vendeu sete milhões de ingressos e segue lotando salas de exibição

Operação França

À força de investimentos de seu governo, cinema francês vive ano de bonança nas bilheteiras com direito ao fenômeno ‘Un P’tit Truc En Plus’, com 7 milhões de ingressos vendidos



Divulgação

Nova versão de ‘Emmanuelle’: aposta francesa para lotar salas no segundo semestre

rou a ressaca provocada pela pandemia, que secou as salas de exibição, esvaziando-as sob o assombro da covid-19. Acostumados a ver filmes venderem 10 milhões de ingressos ou até mais – “Intocáveis”, que revelou Omar Sy, foi visto em circuito por 19,5 milhões de espectadores -, as salas de projeção parisienses (assim como as de Toulouse, Biarritz, Antibes e demais cidades daquela pátria) amargaram dias difíceis com efeito do coronavírus, sofrendo retração de plateias e encarando uma pesada concorrência com

as plataformas de streaming. O maior sucesso que aquele mercado emplacou em 2022 foi “Qu’Est-ce Qu’On a Tous Fait Au Bon Dieu?”, que vendeu 2.429.450 tíquetes. É a terceira parte da franquia de humor “Que Mal Eu Fiz A Deus”, iniciada em 2014. É um número expressivo pra vida pós pandemia, mas comparado à receita dos outros dois longas da cinessérie – o primeiro foi visto por 12,3 mil pagantes e o segundo, de 2019, por 6,6 mil pessoas.

Já no ano passado, quando 406 filmes franceses foram lançados e



Divulgação

‘Cocorico’ é o segundo maior sucesso francês do ano, com a marca de 1,9 milhão de pagantes

O TOP 5 DA FRANÇA EM 2024

- 1. UN P’TIT TRUC EN PLUS**, de Artus: 7.193.292 pagantes
- 2. COCORICO**, de Julien Hervé: 1.956.846 pagantes
- 3. MAISON DE RETRAITE 2**, de Kev Adams: 1.562.233 pagantes
- 4. CHIEN ET CHAT**, de Reem Kherici, de 1.141.423 pagantes
- 5. LE DERNIER JAGUAR**, de Gilles de Maistre: 993 451 pagantes

mil pagantes.

Vale citar a força que teve “Jeanne DuBarry”, melodrama de época que marcou o regresso de Johnny Depp às telas (após a árdua batalha judicial contra sua ex- atriz Amber Heard), sob a direção de Maïwenn. Vendeu 764 mil bilhetes em territórios francófonos logo depois de ter sido exibido na abertura do Festival de Cannes.

Nos festivais classe AA do mundo, a França deitou e rolou também. Já em fevereiro passado, ela papou o Urso de Ouro da Berlinale com “No Adamant”, de Nicolas Philibert, visto por 125 mil franceses. Em maio, ganhou a Palma de Ouro de Cannes com “Anatomia de uma Queda”, que rendeu o Oscar de Melhor Roteiro Original e Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa para a diretora Justine Triet. Sua bilheteria, entre meados do ano passado e os três primeiros meses deste ano, somou 4,8 milhões de entradas vendidas e uma receita de US\$ 35 milhões.

298 foram produzidos, as cifras foram bem mais alta, a começar pelo fato de “Astérix & Obélix: O Reino do Meio” (lançado aqui via Netflix) ter vendido 4,5 milhões de tíquetes de fevereiro a maio. Nas aventuras animadas produzidas em estúdios da França, 2023 também foi de gáudio, com cerca de 1,6 milhão de espectadores no currículo do thriller infantojuvenil “Miraculous: As Aventuras de Ladybug: O Filme”. Também impressionou a receita de “Nina: A Heroína dos Sete Mares”, lançado aqui em novembro: 863

ENTREVISTA / LEVAN AKIN, CINEASTA

'O que me move é a estética da empatia'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Convidado para dois festivais de peso na semana que vem – Frameline San Francisco (EUA) e Karlovy Vary (República Tcheca) –, “Caminhos Cruzados” (“Crossing”) vem fazendo barulho na cena indie do audiovisual desde fevereiro, quando estreou mundialmente na Berlinale.

Há cerca de uma semana, ele reverberou por Nova York, no Festival de Tribeca, alimentando debates multiculturais sobre o mal da transfobia. É um dos crimes de intolerância abordados na trama filmada por Levan Akin, cineasta de origem turca nascido em Estocolmo há 44 anos.

Adquirido pela plataforma MUBI, onde será lançado em 30 de agosto, o longa-metragem pede passagem ao circuito brasileiro no dia 11 de julho. Na narrativa construída por Akin, uma professora, Lia (Mzia Arabuli), sai da Geórgia e viaja até Istambul em busca de sua sobrinha trans, Tekla, que sumiu há tempos. Um ativista vai ajuda-la em sua busca. No caminho, um plural ensaio sobre pertencimento é construído.

Na entrevista a seguir, o cineasta, conhecido pelo ótimo “E Então Nós Dançamos” (2019), fala ao Correio da Manhã sobre as pesquisas geopolíticas que fez para construir a produção, que anda arrebatando elogios por onde passa.

Qual é o debate sobre transfobia que rege é o filme?

Levan Akin: Mais do que uma discussão sobre identidade de gênero, “Caminhos Cruzados” é uma reflexão sobre

desconexões, sobre a não aceitação da sociedade, com figuras que foram banidas pelo patriarcado. Lia não se enquadra no arquétipo maternal clássico. Ela também é uma outsider. O meu foco estava concentrado em entender essas vivências a partir de uma bolha, como é Istambul. O que me move é a estética da empatia. Ela traz a responsabilidade de saber o peso social que um filme pode ter. Dá a certeza também de que contar histórias é uma ação que vem da nossa curiosidade em relação ao mundo.

De que maneira a cidade afeta as protagonistas?

Não quis retratar a violência, mas ela está lá, permanente, ainda que na forma da exclusão e em seu principal reflexo, a solidão. Por sorte, a comunidade queer é forte e muito vibrante, o que nos garantiu apoio.

Como funcionou o processo de troca com elenco e equipe no set?

Todo mundo queria dizer alguma coisa e todos nós queríamos dizer alguma coisa. Não seria capaz de fazer esse filme pelos veios do cinema da Turquia, nem pelo sistema de fomento da Geórgia. Só o financiamento da Europa possibilitaria que eu fizesse o que consegui. Mas foram cinco anos de processo. Eu me mantive nesse período porque trabalho na televisão para sobreviver.

O quanto de “Caminhos Cruzados” carrega uma conexão com a tradição do cinema turco?

Não vejo muito meu processo dentro de uma genealogia. Talvez eu esteja mais



Rodrigo Fonseca

“Cinema é um meio de compartilhar territórios com pessoas de outras localidades. Um desses territórios é o afeto”

Levan Akin

conectado com o neorealismo italiano, com “Noites de Cabíria” e “Mamma Roma”. A estética neorealista mostrou ao audiovisual que cinema não é só fazer filmes, nem a vida. Cinema é um meio de compartilhar territórios com pessoas de outras localidades. Um desses territórios é o afeto. No afeto, eu falo de pessoas que estão tentando se encaixar no mundo.

Como você cartografa o território geográfico da Turquia no filme?

Pela musicalidade. Nunca há quietude

em Istambul. Há uma cultura musical que nunca para. Mas, ao mesmo tempo, turcos – e eu sou um deles – amam a melancolia.

Como você encara o fato de que muita gente vá descobrir seu filme no streaming, pela força da MUBI, e não no cinema?

A MUBI democratiza o cinema. Embora eu goste de ver os filmes em tela grande, sei que as jovens plateias hoje fazem suas descobertas nas plataformas digitais, o que também é um caminho.

CRÍTICA / CINEMA / DIVERTIDA MENTE 2



Em 'Divertida Mente 2', a jovem Riley chega na puberdade e começa a ter de lidar com novas emoções, como a Ansiedade e a Inveja

Por Pedro Sobreiro

Lançado em 2015, 'Divertida Mente' foi um respiro para a Pixar, que enfrentava a primeira crise de credibilidade de sua história. Até 2010, quando lançou o fenómeno 'Toy Story 3', o estúdio de animação 3D se tornou referência ao lançar 11 filmes espetaculares em sequência. Praticamente dona da categoria de 'Melhor Animação' do Oscar, a Pixar tornava realidade a imaginação de crianças e adultos com histórias sem iguais.

Porém a partir de 2011, o estúdio passou por mudanças internas e apostou em continuidades e histórias menos espetaculares. Não que fossem filmes ruins, mas naquela altura do campeonato, nada que não fosse no mínimo excepcional seria capaz de fazer justiça ao nome e nível alcançados pela Pixar desde 1995, quando lançou o primeiro 'Toy Story' e revolucionou os longos animados.

Em meio a essa "seca de criatividade", surgiu "Divertida Mente", um filme de extremos. Ao mesmo tempo que apostava em um visual de cores primárias e formas simples para seus personagens, a trama escondia uma complexidade absurda de sintetizar nessas pequenas emo-

A ansiedade é só o começo

ções antropomórficas conceitos da psicologia e da neurociência.

Mais do que isso, o diretor Peter Docter conseguiu contar essa história de forma emocionante, sensível e compreensível para todas as idades. Na trama, a pequena Riley vive um grande marco na infância de muitos, que é a mudança para uma cidade nova, tendo de deixar para trás seus amigos e a vida como sempre conheceu.

Neste cenário de caos, suas emoções ficam abaladas, já que a Tristeza tenta tomar o controle, mas a Alegria impede a emoção de se expressar. Dessa forma, as emoções partem em uma aventura pela mente de Riley, enquanto a menina fica emocionalmente instável.

O longa foi um espetáculo ao abordar de forma bem orgânica o amadurecimento e a dificuldade de expressar emoções, levando a um princípio de depressão. Tudo isso com um roteiro repleto de humor,

aventura e emoção. Não por acaso, 'Divertida Mente' ganhou praticamente tudo que disputou naquela temporada de premiações.

Agora, nove anos depois, vivendo uma nova crise intensificada pela pandemia, a Pixar volta a apostar nas emoções de Riley para recuperar aquele prestígio de outras épocas. E provavelmente vão conseguir, porque 'Divertida Mente 2' é espetacular.

O veterano Peter Docter deixou a direção para que Kelsey Mann a assumisse. E cativa que ele não tenta replicar o trabalho do diretor anterior, ele aposta em sua própria visão para a história, que ganha mais participações das outras emoções, principalmente do Raiva e da grande antagonista da vez, a Ansiedade.

Estruturalmente falando, a trama do filme lembra bastante a do primeiro. A Alegria vive em paz com as outras emoções até que uma

nova emoção surge e tenta tomar o controle, causando um pequeno caos na aparente paz que estava a vida de Riley. Elas discutem e a Alegria acaba perdendo seu posto na sala de controle, precisando encontrar uma forma de retornar a ela e salvar a menina.

A grande diferença da vez é que a Ansiedade, diferentemente da Tristeza, assume um papel mais de antagonista. Ela claramente tem boas intenções, mas acaba tirando a paz de todos e fazendo com que as amigas da Riley se afastem dela. Porque, na vida real, é isso que a Ansiedade faz com as pessoas. Ela muda e faz com que o próprio indivíduo se esqueça quem é.

Para complicar mais as coisas, Riley entra na tão temida puberdade e descobre que suas melhores amigas vão mudar de escola. Um dos maiores pesadelos da adolescência.

Com esse caos típico da idade,

Kelsey Mann adota uma série de situações facilmente identificáveis por públicos de diferentes idades, como a autocoerção excessiva, a competitividade e como esses exageros mexem com a cabeça das pessoas.

Esse filme chega na melhor época possível para abordar essa vilã silenciosa, vivida brilhantemente por Tatá Werneck na versão brasileira. Segundo um levantamento da Organização Mundial da Saúde, cerca de 300 milhões de pessoas no mundo têm ansiedade, sendo o Brasil o país com maior incidência do transtorno. De acordo com a pesquisa da startup 'Guia da Alma', mais de 60% dos brasileiros apresentam alto nível de ansiedade.

Diante disso, 'Divertida Mente 2' se constrói como um filme que se aproxima da grandiosidade dos tempos de ouro do estúdio ao entender bem seu público e contar uma história com a qual pessoas de todas as idades vão se divertir e identificar. Ele traz também uma mensagem de esperança para todos que sofrem com as tão temidas crises de ansiedade, mostrando que sempre há uma saída. Talvez tenha faltado um pouquinho mais da ousadia do primeiro filme, mas não é nada que atrapalhe ou comprometa esse novo clássico Pixar. **Nota: 9**

CRÍTICA / CINEMA / ASSASSINO POR ACASO

Antes do funeral

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Nasceu um cult no limiar entre a comédia e o thriller de onde menos se esperava: da lavra autoral de Richard Linklater. “Assassino Por Acaso” (“Hit Man”) se firma como um dos mais badalados filmes desta temporada à força da maneira sinuosa como o realizador de sucessos como “Boyhood” (2014) transforma em ficção uma história real nas raías do absurdo.

Seu personagem, Gary Johnson, é um professor de Filosofia que, para complementar a renda, faz um trabalho muito exótico para a polícia de Nova Orleans: ele se passa por matador de aluguel. Não mata uma mosca, não atira, não intimida. Ele apenas conversa com pessoas que estão dispostas a dar um fim a seus desafetos, flagrando intenções (e encomendas) de assassinato, o que leva essa sua “clientela” ao xilindró. Esse enredo vem de um artigo de 2001 da revista “Texas Monthly”, escrito por Skip Hollandsworth a partir dos feitos reais de Johnson. A produção, com orçamento estimado em US\$ 8,8 milhões,



Divulgação

‘Assassino Por Acaso’ se candidata a cult explorando as peripécias de um falso matador de aluguel

é roteirizada por Linklater em duo com seu protagonista, Glen Powell (o novo Brad Pitt), que está impecável em cena.

Nas raías do humor, Powell compõe

Johnson como uma figura complexa: é um intelectual que se enfia no universo policial não por uma crença na Justiça, mas por dinheiro, sendo capaz de se disfarçar das figuras

mais inusitadas para encarar pessoas que querem ver seus inimigos mortos. Inclua entre “inimigos” sócios, maridos e esposas. A fotografia apolínea de Shane F. Kelly ilumina essa narrativa sem grandes invenções plásticas. Já a montagem de Sandra Adair dá um ritmo tenso às viradas que se passam com o personagem. Seu maior contratempo é sua paixão por uma quase cliente: Madison Figueroa (a ótima atriz porto-riquenha Adria Arjona).

Madison quer se livrar do esposo abusador, mas, encantado por ela, Johnson a demove de se envolver num crime e recomenda que ela simplesmente o abandone. Mas os dois começam a ter um envolvimento, o que é ilícito aos olhos da Lei.

Conhecido por falar de processos de amadurecimento afetivo, a julgar pela trilogia aberta com “Antes do Amanhecer” (1995), Linklater aplica sua marca de autor aqui ao retratar a forma como Johnson se reinventa ao trombar com o amor. Como já havia flertado com a ação no passado, com “Newton Boys: Irmãos Fora-da-Lei” (1998), ele se sai bem das sequências de perseguição e tensão, explorando sempre as fragilidades do anti-herói encarnado com ginga por Powell.

CINESTREAMING

POR RODRIGO FONSECA



Nove Rainhas

NOVE RAINHAS (2000), de Fabián Bielinsky: O filme que apresentou Ricardo Darín ao Brasil, antes de “O Filho da Noiva” (2001), também estrelado por ele, concorrer ao Oscar. Cheia de reviravoltas, a trama acompanha os percalços de dois vigaristas (Darín e Gastón Pauls, laureados com um prêmio duplo de Interpretação no Festival de Biarritz) para enganar um filatelista com uma coleção de rara. Onde ver: Star+



Blue Jean

BLUE JEAN (2022), de Georgia Oakley: Recriação da tensão homofóbica da Inglaterra dos anos 1980. Em Newcastle, em 1988, uma professora (Rosy McEwen) corre o risco de ter sua sexualidade exposta à sua revelia com a chegada de um estudante que roda o mesmo bar queer que ela frequenta. A produção foi exibida no Festival de Veneza e rendeu à sua protagonista o prêmio de melhor atriz em Thessaloniki, na Grécia. Onde ver: MUBI



Infiltrado na Klan

INFILTRADO NA KLAN (2018), de Spike Lee: Ganhador do Grande Prêmio do Júri de Cannes e do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado, este thriller antirracista é baseado em fatos reais. O policial Ron Stallworth ficou sabendo de uma convenção da Ku-Klux-Klan e resolveu se “misturar” entre seus integrantes, passando-se por um branco preconceituoso. John David Washington (filho de Denzel) vive Ron. Onde ver: Amazon Prime



O Nosso Tempo

NO VALE DA VIOLÊNCIA (2016), de Ti West: Homenagem ao western spaghetti feita pelo diretor do cult “Pearl” (2022). Ethan Hawke é um pistoleiro em busca de paz, com passado de serviço militar nas costas, que arruma encrenca ao chegar a uma cidade arruinada, mas regida com mão de ferro por um xerife cheio de estilo (John Travolta, dublado por Mario Jorge Andrade). Os créditos de abertura são um primor. Onde ver: Netflix

O NOSSO TEMPO (2020), de Carlos Reygadas: Um dos filmes de maior potência do realizador, que se arrisca como ator. Na trama, uma família vive no interior do México criando touros. Esther (Natalia López) é responsável pela gestão do rancho, enquanto o seu marido Juan (Reygadas), poeta de renome, cria e seleciona os animais. Apesar do casamento aberto, Juan torna-se incapaz de controlar os ciúmes. Onde ver: MUBI

Divulgação

CRÍTICA / LIVROS

A novidade se repete

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

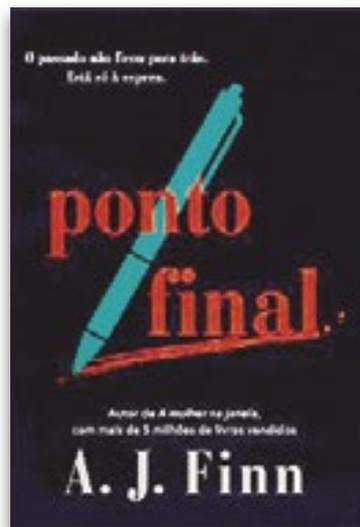
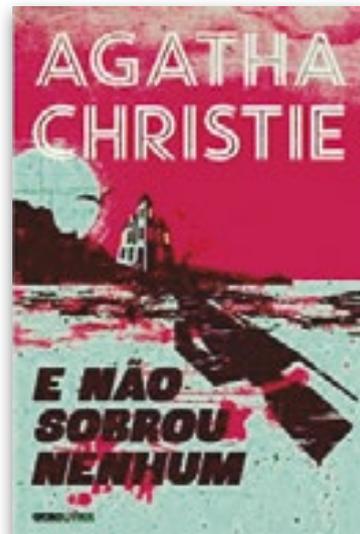
Repetição, fórmula, exigências do mercado podem levar a desgaste do autor ou deleite do público? Provavelmente, a segunda possibilidade é a correta. Enquanto muitos leitores se queixam da falta de novidades em termos de ficção, boa parte dos criadores de literatura se apegam a modelos consagrados para montar tramas – e nem sempre por preguiça, mas para oferecer ao leitor o que ele espera de uma boa história. A literatura policial é um dos gêneros em que a inventividade não conta tanto quanto a fixação de um estilo que conquista o público.

Agatha Christie escreveu histórias com o mesmo número de capítulos e desfechos nos quais quase sempre havia a reunião de suspeitos com o do elucidador do mistério. Quando ousava arriscar-se fora do molde, criava

obras-primas, entre elas *E não sobrou nenhum* (Globo Livros, R\$ 43), conhecido anteriormente como *O caso dos dez negrinhos* – que teve o título trocado para evitar ilações racistas.

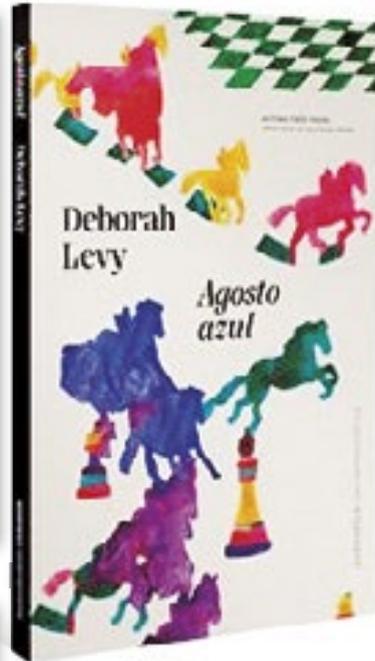
Madame Agatha, que morreu em 1976, aos 85 anos, até hoje vende, em média, 4 milhões de exemplares anuais, que se somam aos 2 bilhões de cópias comercializadas de 66 romances, 19 peças teatrais e dezenas de coletâneas de contos. Como autora, só perde para Shakespeare e para a Bíblia em vendas constantes. Se Christie contribuiu não apenas para a popularização do thriller, mas para a construção de um ideal utópico da vida britânica do século XX, seus bisnetos literários continuam atrelados a fórmulas.

Há anos o prolífico norte-americano Harlan Coben oferece tramas em que cada capítulo desmonta as certezas apresentadas anteriormente no enredo – uma tônica da novela de mistério. Já



vendeu mais de 70 milhões de livros planeta afora.

Mais modesto, desde 2018,



A mulher na janela (Arqueiro, R\$ 42), de A.J.Finn, pseudônimo de Dan Mallory, vendeu um milhão de cópias no mundo. O segundo thriller do autor, *Ponto final* (Arqueiro, R\$ 69), procura um novo ângulo para tratar do mistério, mantendo, contudo, o protagonismo feminino como guia do enredo que aborda os últimos dias de vida de um escritor marcado por uma tragédia pessoal. Sabendo que está prestes a morrer, ele convoca uma especialista em literatura de suspense para escrever sua biografia e tentar descobrir os motivos do mis-

terioso desaparecimento de sua primeira mulher e do filho, menino, do casal, vinte anos antes.

Fora do universo do suspense, a celebrada Deborah Levy é outra que repete o mecanismo de descobertas de seus protagonistas em lugares distantes da rotina habitual. Em seus romances, é quase certo que alguém estará de férias ou passando um período distante de casa. O deslocamento e o não pertencimento dos personagens vai levá-los a esclarecer todos os entraves que emperraram, até então, a existência. Em *Nadando de volta para casa* (Rocco, R\$ 40), que a fez finalista do Booker Prize, em férias na Riviera Francesa, um escritor britânico se vê assediado e tem o casamento ameaçado por uma jovem admiradora.

O mais recente livro de Levy, *Agosto azul* (Autêntica Contemporânea, R\$ 55), percorre diversos cenários na Europa – Viena, Atenas, Paris, Londres, Sardenha, para descrever o estranhamento de uma pianista virtuose que desconhece suas próprias origens. O texto intrigante tem efeito hipnótico sobre o leitor – algo comum em sua obra, incluindo a autobiográfica.

A fórmula continua funcionando.

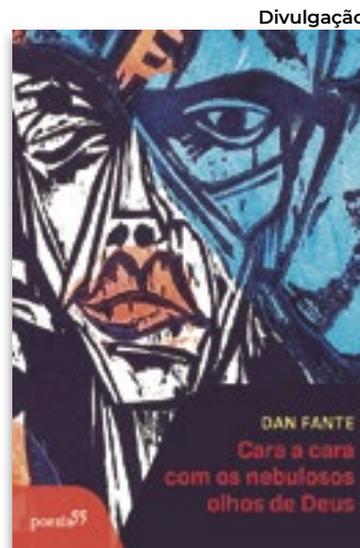
A poesia encantadora de Dan Fante

Por **Luis Pimentel**
Especial para o Correio da Manhã

O sobrenome chega antes, claro. Afinal, remete a um dos maiores escritores de todos os tempos, o norte-americano John Fante (1909-1983), autor de obras seminais e universais como “Pergunte ao pó” e “1933 foi um ano ruim”. Mas o Fante em questão chama-se Dan, é filho do John, e tem um estupendo volu-

me póstumo de poemas lançado agora no Brasil.

O livro “Cara a cara com os nebulosos olhos de Deus”, que tem tradução esmerada de Edivaldo Ferreira, é uma reunião de poemas de Dan Fante (1944-2015) selecionados pelo escritor Matheus Peleteiro. Os poemas transbordam emoção e falam sobre juventude, decadência, sexo, paixão, literatura, existência e, claro, sobre a sua relação com o



pai superfamoso e de temperamento polêmico.

Dan Fante, em cujo livro vamos encontrar versos contem-

plativos e misteriosos como esse (“Encontrei o mais faminto e desprezível dos gatos / Enquanto lia um livro sentado num banco / Fumando meio maço de Lukies em Venice Beach”) é ainda autor de romances, coletâneas de contos e textos teatrais.

Na edição bonita e caprichada da editora baiana P55, o escritor, dramaturgo e diretor teatral Mário Bortolotto garante: “Uma poesia que te leva irrestritamente em uma viagem para dentro de você, para celas de prisão, para trás de um volante de táxi em turbilhões repletos de um romantismo extremo, um romantismo de santos de sarjeta. Uma poesia sobre a ‘podre tarefa de encarar mais um dia’ de

‘existir na escuridão’ para se sentir a salvo. Mas é, acima de tudo, uma poesia sobre a maldição do sangue, sobre amar um pai, sobre não ser amado, sobre odiar esse pai e sobre perdoar, sobre voltar a amar. Sobre voltar pra casa”.

“Cara a cara com os nebulosos olhos de Deus” – que tem lançamento carioca na próxima terça-feira (25), a partir das 19h, na Livraria da Travessa do Leblon (Rua Afrânio de Mello Franco, 290) – inaugura a coleção Poesia 55, da P55, editora baiana independente que, desde 2002, realiza projetos culturais diversos, tendo publicado centenas de livros próprios, com foco nos segmentos de arte, fotografia, literatura e memória.

Limpemos as gavetas

2ª PARTE

(Continuação)

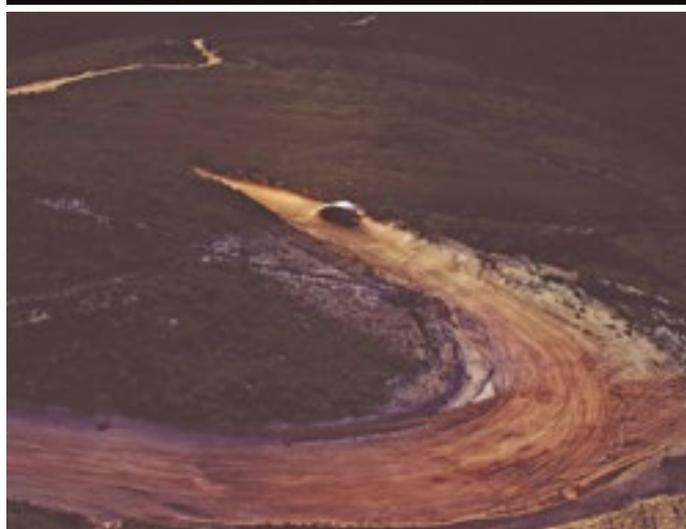
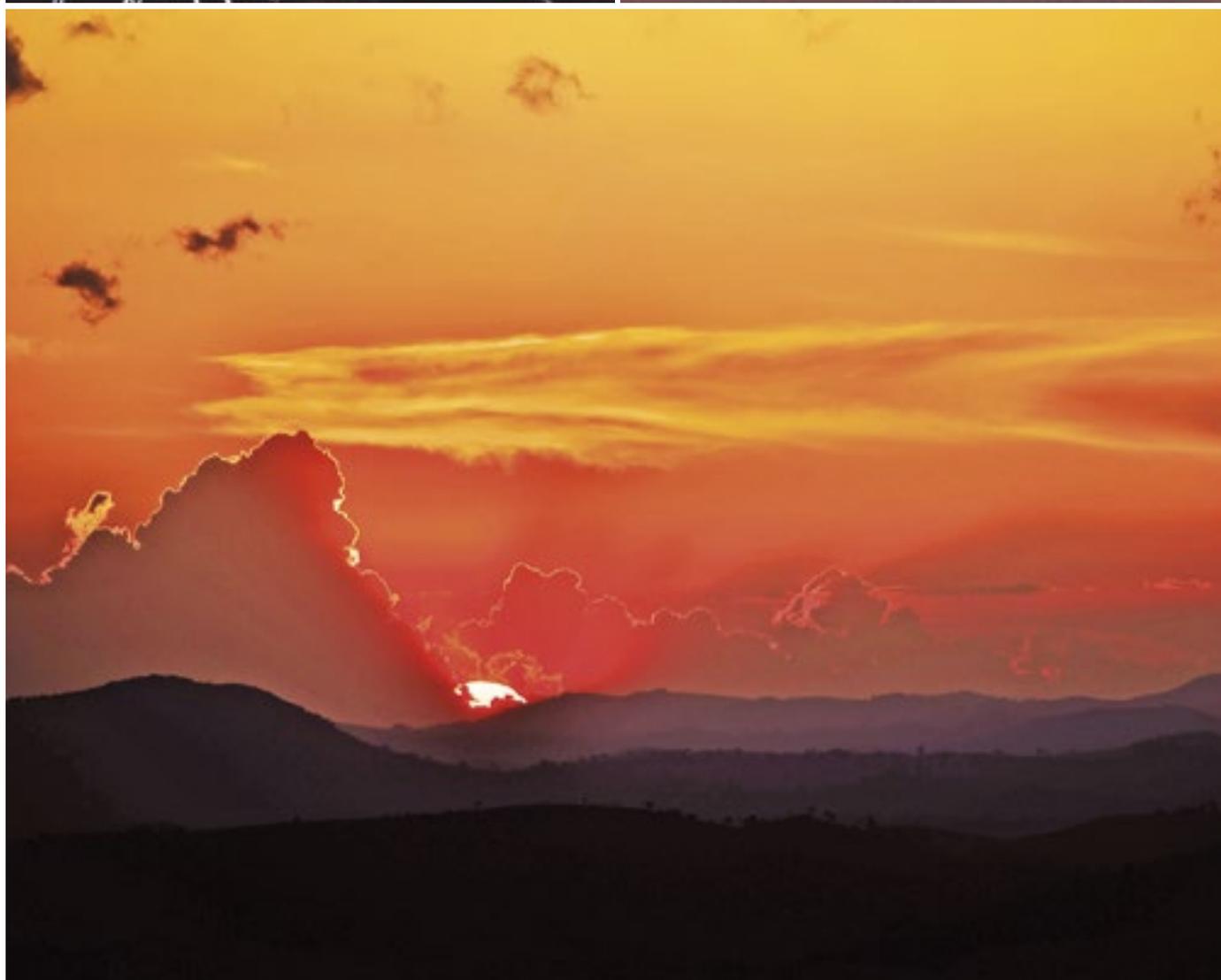
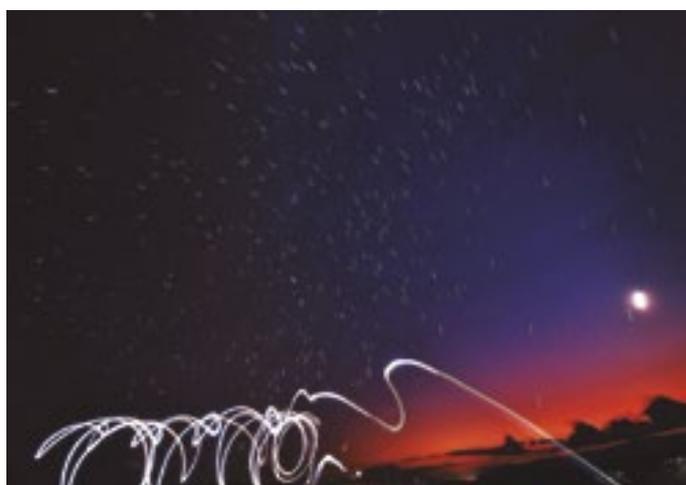
Na gaveta a ser limpa também se encontram cartas de amor mal escritas em bem traçadas linhas de paixão, qui bene amat, bene castigat, são lidas e relidas; nem eram lembradas, ainda trazem o bolor em letras garrafais, sintonia de amor não correspondido, sequer foram postadas, sequer foram levadas adiante, sequer foram completadas, era bem capaz não ter valido a pena... se nem eram lembradas... Epístolas incompreendidas, cartas não trocadas. Escondem poemas dedilhados, musas líricas, rimas pobres, lusos pobres, rimar é riqueza de amar, sutil arte da narrativa do coração. Cornucópia perene em moto-contínuo onde, ao invés de frutas, saem palavras, pura docilidade representativa da deusa do Olimpo dos escribas, velhos papiros naufragados.

O ranger dos cacifos, seja pela lubrificação inexistente, seja pelo ranço do empeno cujo tempo fez senão, madeiras nobres já tão surradas do vai e vem oblíquo, mas inconstante, guardam o tom das notas musicais ajuntadas nas velhas fitas K-7, trilhas sonoras que embalsamaram viagens no tempo, tocadas no TDK do Puma conversível prateado. Jornada no século de apenas alguns minutos. Uma espécie de hipnose, transe em reminiscência. Carole King e James Taylor, Stevie Wonder, Jose Feliciano, dois 'pra' lá, dois 'pra' cá em Manzanero, um Sinatra e Aznavour, "Et si tu n'existais pas/Dis-moi pourquoi j'existerais...//... Hier encore j'avais vingt ans/Je caressais le temps et jouais de la vie..." e como a vida acaricia, e como ela brinca.

Estão mais ao fundo, antigas imagens, fotografias desbotadas ainda em preto e branco, bordas debruadas, detalhes 'picuetados'. A velha foto do álbum de família, desgastado pelas folheadas, charneiras descoladas, amarelecido papel manteiga; quantas lembranças bem-vividas, quantos sonhos projetados nos slides esmaecidos ao longo dos anos, alegorias metafóricas, máquina do tempo em movimento nos rolos de Super-8 e nas fitas VHS.

Mais ao fundo, sob o assoalho das memórias engavetadas, a bela máscara negra usada em um certo Carnaval em Veneza, che bella città! O pequeno saco de tule recheado dos confetes que deixaram de salpicar aquela noite e um rolo de serpentina, apenas um, dos tantos que foram atirados ao léu, apenas um conta aquela história de amor, aquele fusco, aquela masca negra.

A gaveta está vazia, a vida continua cheia de vida!



Fondue:

o prato mais esperado do inverno

Confira um roteiro de onde encontra a iguaria nos restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

Não tem pra ninguém, o prato mais procurado do “inverno” carioca é mesmo o fondue! De origem suíça, mas abraçado por nós, ele já virou tradição nos restaurantes do Rio nessa época do ano. Tem opções desde as clássicas receitas, com carne ou queijo, e até as mais inusitadas, com salmão crocante ou pistache (na versão doce). Para você que não vê a hora de saborear o prato, confira abaixo a seleção que o Correio da Manhã preparou:

ARTESANOS BAKERY -

Durante os meses de junho e julho a padaria e pizzaria com produtos de fermentação natural oferece quatro versões de fondue doce. Entre as opções estão o de Pistache (R\$ 149); Chocolate Belga (R\$ 119); Ninho com Nutella (R\$ 119) ou Chocolate Branco (R\$ 119). A sobremesa será servida nas duas unidades da casa: Botafogo (Rua São João Batista, 26) e Recreio (Av. Genaro de Carvalho, 1.435). Tel: (21) 99467-1111.

CHEZ L'AMI MARTIN -

O restaurante francês do Fashion Mall oferece três opções de fondue: queijo (R\$ 185), filé mignon (R\$ 219) e chocolate (R\$ 99). Cada um serve até duas pessoas e inclui acompanhamentos variados. O fondue está no cardápio de segunda a domingo, das 18h às 23h. Estrada da Gávea, 899 - São Conrado. Tel: (21) 2111-4427.

ÉCLAIR BISTRÔ - A chef Millena Sá preparou para os meses de junho e julho opções especiais de

fondue, entre salgados e doces. Começando com o Fondue de Queijo (R\$ 140 - 2 pessoas) acompanhado de degustação éclair (massa), camarão selado (VM), carne selada, frango selado, pães selados e mini-batatas calabresa. A chef também oferece a versão Fondue de Pistache (R\$ 130 - 2 pessoas), com pistaches picados; Fondue Caramelo Salgado (R\$ 130 - 2 pessoas) com amêndoas e flor de sal e Fondue de Chocolate Preto (R\$ 130 - 2 pessoas) com raspas de chocolate. Para acompanhamentos: banana, uva, morango, kiwi, degustação de éclair (massa) e marshmallow. E na compra dos dois fondues (salgado + doce), ganha-se duas taças de vinho tinto. BarraShopping - Av. das Américas, 4666 - Loja 141. Tel: (21) 3556-9808.

GATO CAFÉ - O primeiro cat café do Rio preparou um menu especial de inverno para aquecer os corações nos dias mais frios. A aposta da estação são os fondues acompanhados de vinhos em taça. Entre as opções estão: o Fondue de



Fábio Rossi/Divulgação

Páreo



Divulgação

Chez L'ami Martin



Divulgação

Loire Bistrô

Samanta Toledo/Divulgação



Éclair

Gabriel Ávila/Divulgação



Artesanos Bakery



The Bird Love Stories

Gato Café

Queijo (R\$ 50), uma combinação de queijos derretidos, que são servidos com pães frescos, pães de queijo e tomatinhos. Para os apaixonados por doce, o Fondue de Chocolate (R\$ 40) chega acompanhado por morangos, banana fatiada e marshmallows. Os clientes podem ainda ter a experiência completa com o combo de fondue, que oferece os dois sabores pelo preço especial de R\$ 84. Para harmonizar, a casa oferece uma seleção de vinhos em taça (R\$ 22). Rua das Palmeiras, 26 - Botafogo. Tel: (21) 99068-3036.

PÁREO - O ambiente e a vista deslumbrante do salão ganham o reforço do fondue, que volta ao cardápio, em quatro sabores para compartilhar. O de filé mignon (R\$ 198) tem como acompanhamentos batata rostie e seis molhos especiais. O de queijo (R\$ 198) chega à mesa com aipim, cenoura e brócolis. Tem ainda o de salmão crocante (R\$ 239), também com batata rostie e seis molhos e o de chocolate (R\$ 94), com frutas - morango, uva, banana, pera e maçã. Sempre de terça a domingo, a partir das 18h, mediante reserva pelo telefone: (21) 2540-9017. Rua Mário Ribeiro, 410 - Leblon - Sede Jockey Club Rio de Janeiro.

LOIRE BISTRÔ - Sugestão especial para o inverno, o chef Felix Sanchez oferece o fondue do Loire, que serve duas pessoas, preparado como manda o figurino francês. Os sabores são o Savoyarde (R\$ 289), com mix de queijos gruyère, emmental, gouda e um toque de Kirsch, servido com batata noisette, legumes, cogumelo shitake, pera e pães; o Savoyarde Tartufo (R\$ 349), com um toque de salsa trufada; e o Bourguignonne (R\$ 289), cubos de filé mignon com sete molhos (bernaise, poivre, roti, mostarda, maionese tartufada, ketchup e chutney de maçã) e acompanhado de batata noisette. Entre os doces, o de toblerone (R\$ 179); de ninho com nutella ou de baileys e chocolate meio amargo, todos servidos com frutas da estação, nozes e marshmallows. Av. das Américas, 8585 - Barra da Tijuca (Vogue Square). Reservas: (21) 97999-3403.